

O papel do Habitar na Geo-filosofia de Deleuze e Guattari

The role of Dwelling in the Geophilosophy of Deleuze and Guattari

Lucas Bezerra de Alcântara.³⁸

Resumo: O presente artigo busca apresentar o conceito de habitar, segundo Deleuze e Guattari, a partir da perspectiva filosófica e estrutural do plano de imanência, pretendendo tratar de questões presentes nas discussões sobre o esgotamento da modernidade, sua crise e os paradigmas modernos ainda atrelados às ciências e a filosofia, e tem como objetivo maior apontar a importância do habitar para o movimento Geo-filosófico, sistema epistemológico onde a terra e o território são agentes centrais. Para tanto, será utilizado como ponto de partida as deliberações acerca dos movimentos de desterritorialização e reterritorialização e, posteriormente, será tratada a própria etimologia da palavra “habitar”, no qual será possível visualizar os desdobramentos históricos e formadores do conceito. A partir disso, será analisado, em específico, as consequências para o pensar e o fazer filosofia como um agente da desterritorialização, por meio do habitar.

Palavras-chave: Habitar. Plano de Imanência. Terra. Território. Desterritorialização.

Abstract: The present article seeks to present the concept of dwelling, according to Deleuze and Guattari, from the philosophical perspective and structural of the plane of immanence, with the intention of treating present issues related to discussions about the modern depletion, it's crisis and the modern paradigms still related to science and philosophy, and has the ultimate goal of point out the importance of dwelling to the geophilosophical movement, an epistemological sistem which the earth and the territory

³⁸ Estudante do 5º semestre de Bacharelado em Filosofia da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação FAPCOM.

are main agents. Therefore, it will be utilized as a starting point the deliberations about the movement of deterritorialization and reterritorialization and, after, the etymology itself of the word “dwelling” will be worked on, in which will be possible to visualize the historical deployments and concept formation. From that, it will be analysed, in specific, the consequences for thinking and philosophical act as an agent of deterritorialization, through dwelling.

Key-words: Dwelling. Plane of immanence. Earth. Territory. Deterritorialization.

1. Introdução:

De que modo compreendemos o habitar para as relações humanas e para questões que nos são postas diariamente sobre problemas filosóficos? Quais as maneiras de habitar, apropriadamente, um local? Temos, nessas perguntas, um uma mesma variável que pode nos levar a visualizações de sistemas e modos de vida das quais não nos atentamos. O habitar, como o entendemos, é central para a colocação dos problemas filosóficos no mundo, pois é só por ele que, em comunhão com o local onde estamos a partir das experiências e vivências, podemos responder e contemplar ambas perguntas feitas no início desta demonstração, nos levando a questões pertinentes e de relevância social. Tratamos aqui, portanto, de questões ligadas ao ambiente no qual nos inserimos e a relação tênue com problemas filosóficos e de cunho epistemológico, por meio do habitar.

Com isso, ao pensarmos no conhecimento e no intelecto, automaticamente pensamos sobre a razão, estrutura formal e lógica que, muitas vezes, se encontra fora da realidade e desprendida dos problemas cotidianos por estar mais preocupada com questões acadêmicas e de relevância social, sempre num viés imaginário de neutralidade e que consegue enxergar as coisas a partir de um ponto alto, inalcançável.

Contudo, essa visão veio de uma cultura moderna, principalmente Cartesiana, que coloca a ciência e a razão como os principais meios de progressão da sociedade e os

únicos meios de se chegar a verdades, a partir da premissa de que a relação de um sujeito pensante e um objeto é a relação que descreve a realidade. Porém, essa relação chegando em seus limites máximos na sociedade contemporânea, trouxe problemas para a própria realidade em questão, como a individualidade crescente, o isolamento urbano, o declínio ambiental e as anomalias na ciência devido ao esgotamento dessa visão racionalista.

Assim, surgem problemas e questionamentos vinculados a, principalmente, autores como Heidegger, Deleuze e Guattari, por entenderem que essa visão de mundo e epistemologia não possuem um conceito crucial que nos liga a realidade: o habitar. O habitar que, etimologicamente, está ligado ao ser do homem. O habitar encontrado nas convenções e hábitos presentes em nossa cultura. O habitar que cria e o habitar que pensa.

Portanto, o intuito desta investigação se dá por essa visão alternativa e quais os caminhos traçados pelos autores para chegarem, enfim, numa visão em que compreenda muito mais do mundo e do chão sob o qual pisamos e nos leve a outro caminho a não ser aquele que se encontra na atual crise da modernidade, essa evidenciada na passagem:

Fala-se por toda parte e com razão de crise habitacional. E não apenas se fala, mas se põe a mão na massa. Tenta-se suplantar a crise através da criação de conjuntos habitacionais, incentivando-se a construção habitacional mediante um planejamento de toda a questão habitacional. Por mais difícil e angustiante, por mais avassaladora e ameaçadora que seja a falta de habitação, a crise propriamente dita do habitar não se encontra, primordialmente, na falta de habitações. *A crise propriamente dita do habitar é*, além disso, mais antiga do que as guerras mundiais e as destruições, mais antiga também do que o crescimento populacional na terra e a situação do trabalhador industrial. A crise propriamente dita do habitar consiste em que os mortais precisam sempre de

novo buscar a essência do habitar, consiste em que os mortais *devem primeiro aprender a habitar*. (HEIDEGGER, 2006, p. 140)³⁹

Dessa maneira, ao entendermos a crise habitacional mencionada pelo autor como uma das consequências da crise da modernidade, vemos que tudo passa pelo problema do habitar e do modo em que se habita. Com isso, para que possamos aprender a habitar, paramos e refletimos sobre o que é esse habitar e quais os processos envolvidos nos problemas filosóficos ligados ao habitar. Essa investigação, portanto, visa o entendimento do habitar e sua relação com o homem, no âmago das questões filosóficas do mundo e a terra em si, visto, neste aspecto, como protagonista dessa relação entre homem e habitar.

2. Proposta epistemológica dos autores:

Essa visão de mundo alternativa, proposta por Deleuze e Guattari, coloca a terra e o território como os principais agentes dos movimentos constituintes da realidade como um todo para que, principalmente, desloque-se o problema da crise da modernidade, provocada pelo esgotamento da relação sujeito e objeto, tão característico do racionalismo moderno e dos seus desdobramentos na própria filosofia ou ciência, por exemplo. O grande problema passa a ser caracterizar os novos agentes do movimento e quais suas funções e possibilidades dentro desse novo paradigma epistemológico.

Começamos com a noção básica de um dos conceitos principais desta nova proposta trazida pelos autores: a terra. Entende-se que, a partir das investigações, “A terra não é um elemento entre outros, ela reúne os elementos num mesmo abraço, mas se serve de um ou de outro para desterritorializar o território.” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 113)⁴⁰. A terra é também um corpo em movimento, que se caracteriza por ser esse o corpo no qual se inserem todos os corpos, agentes da territorialização ou da

³⁹ HEIDEGGER, Martin. **Ensaios e conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

⁴⁰ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é filosofia?**. Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 1. ed. São Paulo: Editoria 84, 1992.

desterritorialização. Mas, também, se caracteriza por deter o mesmo movimento em seu âmago, em seu cerne, desempenhando um papel organizador e movimentador de seu próprio movimento, de sua própria existência.

A filosofia nasce do “encontro da terra com o pensamento” (MOSTAFA; VIUNISKI, 2009, p. 82)⁴¹, onde “os corpos estão em permanentes processos de desterritorialização, toda vez que se movem na terra” (MOSTAFA; VIUNISKI, 2009, p. 82)⁴², no qual “se confunde com o movimento daqueles que deixam em massa seu território, lagostas que se põem a andar em fila no fundo da água, peregrinos ou cavaleiros que cavalgam numa linha de fuga celeste” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 113)⁴³.

Efetivamente, não há uma separação entre terra, território – desterritorializado ou reterritorializado – e os agentes das territorializações, pois “os movimentos de desterritorialização não são separáveis dos territórios que se abrem sobre um alhures, e os processos de reterritorialização não são separáveis da terra que restitui territórios.” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 113)⁴⁴. Isso nos dá a ideia que a terra é o agente solidificador, formador da nova terra, por ser o agente que deposita os processos e movimentos desterritorializantes e reterritorializantes no solo, na base, no plano.

Portanto, “pergunta-se em que sentido a Grécia é o território do filósofo ou a terra da filosofia.” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 113)⁴⁵, evidenciando uma dinâmica, um movimento duplo, uma interação contínua, um devir. Essa interação ou dinâmica só acontece devido a zonas de indiscernibilidade, ou seja, lugares comuns, zonas de encontro, conexões intrínsecas do movimento territorializador e de seus agentes, dividido

⁴¹ MOSTAFA, Solange Puntel; VIUNISKI, Denise. **Para ler a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari**. 1. ed. Campinas: Editora Alínea, 2009.

⁴² Ibid., p. 82.

⁴³ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é filosofia?**. Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 1. ed. São Paulo: Editoria 84, 1992.

⁴⁴ Ibid., p. 113.

⁴⁵ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é filosofia?**. Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 1. ed. São Paulo: Editoria 84, 1992.

em duas fases e em duas etapas indiscerníveis e correlatas, a da “desterritorialização (do território a terra) e a reterritorialização (da terra ao território)” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 113)⁴⁶. Aqui estamos delimitando o movimento, demonstrando a dinâmica pela qual se movem os agentes da filosofia, ou filósofos, e a filosofia em si como território e terra, conseqüentemente.

Essa delimitação nos permite entender que na desterritorialização, o território cai por terra, volta ao solo como potência de um novo território, de uma nova terra. Conseqüentemente, na reterritorialização, essa potência de um novo território, de uma nova terra, efetiva-se no processo formante da nova zona territorial, inaugurando o território no novo. São nessas condições que começamos a investigar e compreender a verdadeira natureza do movimento em si no sistema geo-filosófico, ou seja, da própria desterritorialização. Isso nos permite dizer que, a estrutura territorial do pensamento, da filosofia, é um processo desterritorializante. Porém, sempre guardando a potência reterritorializadora do novo, daquilo que se forma a partir desse processo.

Ao pensarmos no movimento como condição dos corpos, entendemos que nesse movimento constituímos nuances necessárias para a compreensão do mesmo, como uma delimitação necessária para o ordenamento do pensamento. Assim, ao caracterizarmos os corpos como agentes do movimento, da ação e da vivência, compreendemos que são intrinsecamente corpos que se movem, que possuem movimento.

Nesse aspecto do movimento, desse agenciamento, encontramos na trindade territorialização-desterritorialização-reterritorialização uma formatação que carrega o sentido essencial do movimento em si, pois num exercício didático, onde buscamos auxiliar a compreensão dessa abordagem, refletimos sobre o caráter da palavra território.

⁴⁶ Ibid., p. 113.

Como vimos anteriormente, tratamos aqui a filosofia como “uma filosofia que se confunde com o lugar. Uma geofilosofia. O pensamento e a terra” (MOSTAFA; VIUNISKI, 2009, p. 82)⁴⁷, no sentido de que temas como território e terra se fundem e confundem com o pensamento, a modo que se um corpo encontra-se parado, sob um espaço, sob um território, ele está territorializado. Porém, “ocorre que os corpos estão sempre em movimento, mesmo que pareçam estar parados como as rochas e as árvores” (MOSTAFA; VIUNISKI, 2009, p. 82)⁴⁸ nos levando a entender a dimensão desse encontro da terra com o pensamento quando constatamos, conseqüentemente, que “assim como o pensamento viaja, os corpos também estão em permanentes processos de desterritorialização, toda vez que se movem na terra” (MOSTAFA; VIUNISKI, 2009, p. 82)⁴⁹, evidenciando essa dinâmica espacial do pensamento, assim como o movimento dos corpos na terra.

Nesse âmbito, portanto, do território de um corpo e na territorialização do pensamento e vice versa na terra, vemos que “não há território sem um vetor de saída do território” (DELEUZE, 1997)⁵⁰, ou seja, sem a desterritorialização, cujo principal fator é o da característica de movimento, de ação, ao sair de uma condição territorializada a uma condição desterritorializada como uma ação inerente do movimento, presente nos corpos e no pensamento na terra e da terra por ela mesma.

Desse modo, a trindade territorialização-desterritorialização-reterritorialização se apresenta quando, após as deliberações acerca do movimento da desterritorialização, onde pressupõe uma territorialização anterior como traço fundamental da relação do encontro do pensamento com a terra, assim como nos corpos dispostos na natureza, no espaço, constatamos que também “não há saída do território, ou seja,

⁴⁷ MOSTAFA, Solange Puntel; VIUNISKI, Denise. **Para ler a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari**. 1. ed. Campinas: Editora Alínea, 2009.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 82.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 82.

⁵⁰ DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Vídeo. Divulgado no Brasil, pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord. 1997.

desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte” (DELEUZE, 1997)⁵¹, nos mostrando com clareza que os aspectos mais intrínsecos do movimento estão correlacionados aos aspectos intrínsecos do pensamento e de seu encontro essencial com a terra, demonstrado na forma do movimento do pensamento, caracterizado na trindade territorialização-desterritorialização-reterritorialização.

Assim, a partir do momento em que compreendemos os conceitos de desterritorialização e terra e sua dinâmica interativa, passamos a entender as deliberações que se estendem pelo território e pelo pensamento. Ao admitirmos que “os filósofos são estrangeiros, mas a filosofia é grega” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 115)⁵², encarando os filósofos como agentes da desterritorialização, corpos que movimentam e se movimentam numa desterritorialização presente na terra, compreendida aqui como filosofia, que por si só já denota um sentido de terra da filosofia, que é grega, territorializada na própria filosofia grega em si.

Portanto, “imagine que a filosofia seja um emigrado chegado entre os gregos; ocorre assim com os Pré-Platônicos. São de alguma maneira estrangeiros despatriados” (NIETZSCHE, 1938, p. 131)⁵³ que, a partir do momento que se encontram despatriados, saídos de um território, desterritorializados, necessariamente ao mesmo tempo fazem o esforço e o movimento necessário para se reterritorializarem em outra parte, como já elucidado por Deleuze anteriormente. Essa outra parte contempla a nova terra, o novo território, formado a partir do movimento desses estrangeiros despatriados saídos do território no qual pertenciam anteriormente, os filósofos, relacionam-se com a terra, a filosofia, na qual já era delimitada como território grego e que, necessariamente, os estrangeiros vão se situar a partir do movimento de saída do seu território anterior. Consequentemente, a reterritorialização toma forma, pois essa se dá a partir dessa

⁵¹ Ibid.

⁵² DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é filosofia?**. Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 1. ed. São Paulo: Editoria 84, 1992.

⁵³ NIETZSCHE, 1938, p. 131 apud DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 115

interação consequente do movimento dos agentes estrangeiros em relação à terra. Terra essa que se serve do território e do agente desterritorializador para formar a nova terra, o novo território, reterritorializado.

A partir desse ponto, em que, observadas as relações da terra e do território com a própria filosofia, saímos da análise epistemológica e do próprio movimento geofilosófico para darmos um passo anterior, conceitual, no qual poderemos investigar as próprias bases constituintes desse projeto filosófico proposto por Deleuze e Guattari e suas origens filosóficas.

3. Bases conceituais e desdobramentos:

Como já apontado, para trabalharmos as questões investigadas, devemos partir de uma ideia bem articulada e definida da distinção entre plano de imanência e os conceitos, pois é só neles e por eles que a própria realidade se apresenta, assim como nas questões presentes na formulação dessa investigação. Nessa proposição, ter como base teórica esses elementos distintos, que se conversam a todo o momento, para que, a partir deles, formarmos uma estrutura onde podemos direcionar a investigação do pensamento em relação com a terra.

Assim, se partimos das distinções entre esses elementos centrais nessa investigação, podemos entender que “os conceitos são acontecimentos, mas o plano é o horizonte dos acontecimentos”. Porém, “não o horizonte relativo que funciona como um limite, muda com um observador e engloba estados de coisas observáveis, mas o horizonte absoluto, independente de todo observador, e que torna o acontecimento como conceito independente” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 52)⁵⁴. Com isso, é importante destacar que a intenção é de explicar a filosofia e o movimento do pensamento “com seus conceitos criados, com o plano de imanência instaurado como um plano de

⁵⁴ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é filosofia?**. Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 1. ed. São Paulo: Editoria 84, 1992.

consistência para esses conceitos, por meio da invenção de personagens conceituais que se movimentam sobre territórios e sobre a terra para falar sobre acontecimentos.”.

Portanto, se pensarmos no movimento que tratamos, a partir do próprio pensamento e suas reverberações, tem-se que “é o plano que assegura o ajuste dos conceitos, com conexões sempre crescentes, e são os conceitos que asseguram o povoamento do plano sobre uma curvatura renovada, sempre variável” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 53)⁵⁵. O movimento toma forma de pensamento, do movimento do pensamento que orienta, que guia, que, tratando-se do plano de imanência, tem um caráter de “imagem do pensamento, a imagem que ele se dá do que significa pensar fazer uso do pensamento, se orientar no pensamento” pois “o plano de imanência permite orientar-se no pensar [...] Uma imagem do que significa pensar” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 53)⁵⁶.

Por fim, ao analisarmos todas as questões envolvidas no plano de imanência e como os conceitos se desdobram nesse plano, é notável percebermos que “nós estamos nele, sempre e já” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.54)⁵⁷, acompanhando o movimento do pensar, que se caracteriza por “estender um plano de imanência que absorve a terra”, mostrando-nos que o horizonte relativo do desdobramento do ser em relação ao plano de imanência, acompanha intrinsecamente o pensar por conceitos.

Se “se adquire um conceito habitando, plantando sua tenda, contraindo um hábito” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, P. 136)⁵⁸, temos, além do hábito, o próprio habitar em si como central no problema investigado, pois é a partir dele que o próprio hábito toma forma e a conexão com a terra é efetivada, cultivada. Porém, de que modo habitamos ou qual o aspecto desse habitar? Para tentarmos compreender os aspectos que envolvem

⁵⁵ Ibid., p. 53.

⁵⁶ Ibid., p. 53.

⁵⁷ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é filosofia?**. Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 1. ed. São Paulo: Editoria 84, 1992.

⁵⁸ Ibid., p. 136

o habitar, central para o entendimento da proposta geo-filosófica, voltaremos para as origens da própria palavra “habitar”, buscando visualizar o processo histórico e formador do que se constitui e entende-se como habitar em si.

Nas investigações etimológicas, vemos que, anterior ao entendimento acerca da própria palavra “habitar”, temos que as raízes etimológicas da palavra “construir” no antigo alto-alemão, “buan”, são as mesmas usadas para habitar, pois “A antiga palavra *bauen* (construir) a que pertence “*bin*”, “sou”, responde: “*ich bin*”, “*du bist*” (eu sou tu és) significa: eu habito, tu habitas.” (HEIDEGGER, p. 2006, p. 127)⁵⁹. E para o habitar, seguindo a raiz etimológica alemã, temos, nas conjugações derivadas do verbo ser, as mesmas palavras usadas em construir e habitar. Portanto, etimologicamente, o homem é a partir do momento em que constrói e habita.

Ser homem é ser como um mortal sobre a terra, aquele que constrói e habita, numa reação de cultivo, proteção e edificação para a habitação sobre a terra. O homem é e está sobre a terra quando constrói de forma habitual. O hábito do homem é o construir, cultivar e edificar, observado por detrás das atividades e modos de habitar do homem. Habitar é o modo que os mortais são e estão sobre a terra. É o traço fundamental do ser-homem.

Construir só é possível à medida que se habita e se é como um ser que habita. Portanto, a condição da medida do construir é à medida que o homem habita, ou seja, “Ser homem diz: ser como um mortal sobre essa terra” (HEIDEGGER, p. 2006, p. 127)⁶⁰.

As palavras “*wuon*” do antigo saxão e “*wunian*” do gótico, tem o sentido de demorar-se, permanecer e enraizar. Nesse sentido, a palavra em questão quer dizer que permanecer, de-morar-se, é ser e estar em paz, permanecer apaziguado. Por conseguinte, “a palavra “*Friede*” (paz) significa o livre, *Freie*, *frye*, e *fry* diz: preservado

⁵⁹ HEIDEGGER, Martin. **Ensaios e conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

⁶⁰ HEIDEGGER, Martin. **Ensaios e conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

do dano e da ameaça, preservado de..., ou seja, resguardado.” (HEIDEGGER, p. 2006, p. 129)⁶¹. Portanto, “Libertar-se significa propriamente resguardar.” (HEIDEGGER, p. 2006, p. 129)⁶².

E, em paralelo, limite, em grego antigo, é onde algo começa a ser, dá início a sua essência. Portanto, ser livre ou libertar-se, significa resguardar-se onde o ser-homem começa a ser, onde inicia a sua essência preservada do dano, da ameaça. Libertar para a paz de um abrigo, o abrigo do ser.

Convergindo, assim, na proposição de que o traço fundamental do habitar é se resguardar. Se resguardar é estar em paz. Estar em paz é se libertar. Se libertar é se resguardar. Se resguardar é estar em seu limite, onde se começa a ser. Estando no seu limite, onde começa a ser, habita-se sobre a terra, o espaço, na liberdade do limite do resguardo.

Na liberdade do limite do resguardo, o ser-homem é aquele que habita sobre a terra e a deixa livre em seu próprio vigor, deixando as coisas serem coisas, em seus limites, onde começam a ser. Só assim o ser-homem habita, quando salva a terra, pois “a terra é o sustento de todo gesto de dedicação” (HEIDEGGER, 2006, p. 129)⁶³, chegando a máxima de que “os mortais habitam à medida que salvam a terra” (HEIDEGGER, 2006, p. 130)⁶⁴, contrariando toda a linha do pensamento racionalista e sendo, aqui, a chave precursora do movimento geo-filosófico.

Portanto, o ser-homem é aquele que demora-se, permanece e habita junto as coisas, contrariando a tese da diferença e relação entre sujeito e objeto. Porém, Na história do pensamento ocidental, tomamos as coisas como formas e somente como formas sensíveis, como tudo aquilo que aparece e já é dado mediante a uma

⁶¹ Ibid., p. 129.

⁶² Ibid., p. 129.

⁶³ Ibid., p. 129.

⁶⁴ Ibid., p. 130.

interpretação. Contudo, as coisas, são dotadas de características próprias que lhes propiciam ser e estar. Uma mesa, por exemplo, reúne as pessoas que sentam em volta da mesma, reúne e esta sobre a terra, não interferindo com o ser da terra, apenas permanecendo sobre, reúne o céu, pois está preparada para as inferências climáticas e atmosféricas e reúne os divinos, pois, além de não interferir com o ser dos divinos, propicia uma reunião integradora com o louvor e o pensamento para com os divinos, renegando-os ou não.

A mesa, para ser mesa, é somente mesa para com a mesa. Apenas sendo mesa em si. A mesa não é apenas uma forma sensível e que aparece tomada mediante a uma interpretação. A mesa é por si só uma mesa e, por ser uma mesa, é e esta mediante a localização em que está. Portanto, a mesa não só se situa no lugar. É a partir da própria mesa, como mesa, que surge o lugar. E, a partir desse lugar, dessa circunstancia originada pelo lugar a partir da mesa reunindo e integrando a quadratura, que se arruma e determina o espaço. Dando espaço a um espaço. Portanto as coisas, que são lugares, determinam e propiciam a criação de espaços.

“Espaços, do alemão “Raum, Rum”, diz o lugar arrumado, liberado para um povoado, para um depósito. Algo espaçado, arrumado, liberado, num limite” (HEIDEGGER, 2006, p. 134)⁶⁵. Limite, em grego antigo, é onde algo começa a ser, da início a sua essência. Os espaços recebem sua essência dos lugares. Os homens estão presentes no espaço, fazem parte do lugar, que delimita o espaço. Portanto, o homem que habita, demora-se e permanece “junto às coisas, não a ideia ou representação armazenada na consciência” (HEIDEGGER, 2006, p. 136)⁶⁶.

Enfim, o homem que habita, pensa junto à mesa, aos lugares que a mesa delimita no espaço formado. Portanto, o pensar pertence ao habitar, sempre em direção ao habitar. É no limite e no de-morar-se junto às coisas que estabelecemos uma epistemologia do ser-homem que habita. Esse ser-homem que habita, nada mais é do

⁶⁵ HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

⁶⁶ Ibid., p. 136.

que o agente desterritorializador, pois “o desenraizamento é o único apelo que convoca os mortais a um habitar, (...) pensando em direção ao habitar” (HEIDEGGER, 2006, p. 141)⁶⁷.

4. Pensar em direção ao habitar:

Quando pensamos no valor desenraizador, desterritorializador e negativo do pensamento em direção ao território, ao habitar, estendemos um fio bem demarcado na questão da progressão do movimento dos corpos e do pensamento. É importante destacar que a relação constitutiva da filosofia é a relação presente nessa progressão, onde “o filósofo deve tornar-se não-filósofo, para que a não-filosofia se torne a terra e o povo da filosofia” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 142)⁶⁸, demonstrando que “o povo é interior ao pensador” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 142)⁶⁹ num eterno retorno a si em direção ao novo. Ou seja, como aponta Nietzsche (2007)⁷⁰ ao dizer “como chegamos a ser o que somos”. Aqui, portanto, ligamos as duas pontas do fio e continuando o movimento nesse novo elemento, agora circular. Um devir.

Aqui estamos apontando diretamente ao valor das ações e dos costumes considerados de senso comum mas que, ao serem confrontados por uma análise mais detalhada⁷¹, podem nos indicar o real valor dos hábitos para o próprio movimento filosófico, pois apenas com eles e por eles que se habita no plano do real, no plano de imanência. O habitar passa a ser o protagonista na ação dos hábitos, nos costumes precipitadamente entendidos como não filosóficos para problemas filosóficos.

⁶⁷ Ibid., p. 141.

⁶⁸ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é filosofia?**. Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 1. ed. São Paulo: Editoria 84, 1992.

⁶⁹ Ibid., p. 142.

⁷⁰ NIETZSCHE, F. **Assim falava Zaratustra**. São Paulo: Centauro Editora, 2007.

⁷¹ Ao vermos um exemplo de Hume (1946, p. 608 apud DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 137) ao tratar do caso, dizendo que “dois homens que manejam os remos de um barco fazem-no segundo um acordo ou uma convenção, embora jamais tenham feito promessas”, passamos a visualizar os hábitos e as convenções como processos formadores do movimento filosófico e do habitar em si.

Portanto, “sem a influência do costume, ignoraríamos completamente toda questão de fato que está fora do alcance dos dados imediatos da memória e dos sentidos. Nunca poderíamos saber como ajustar os meios em função dos fins [...]. Seria, [...] o fim de toda ação” (HUME, 2017, p. 55)⁷². Consequentemente, se “há conceito em toda parte onde há hábito” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 137)⁷³, entrando aqui em contato direto com a filosofia, no campo do plano dos conceitos, onde, portanto, há conceito, então “os hábitos se fundam e se desfazem sobre o plano de imanência da experiência radical” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 137)⁷⁴, evidenciando a passagem da não-filosofia a filosofia.

Portanto, o conceito de habitar é central na obtenção e na deliberação do conhecimento, pois a partir do pertencimento, no demorar-se junto às coisas, na criação proveniente do hábito e da terra como referência epistemológica é que produzimos as negações das razões pré-estabelecidas, evidenciando o papel central do território e da terra na formação e no desenvolvimento do conhecimento. É no tratar a terra como protagonista e reunidora de agentes que se serve dos mesmos e o filósofo como um dos agentes desse movimento desterritorializante.

É no desenraizamento, no negativo, que encontramos o pensar, a direção do pensar. Nessa linha, se admitirmos que “pensar se faz antes na relação entre o território e a terra” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 111)⁷⁵ e que “a terra não é um elemento entre outros, ela reúne todos os elementos no mesmo abraço, mas serve de um ou de outro para desterritorializar o território” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 111)⁷⁶, cabe ao filósofo ou o indivíduo pensante ser o agente que “afirma como criação de uma nova

⁷² HUME, David. **Investigação sobre o entendimento humano**. Tradução de André Campos Mesquita. 1. ed. São Paulo: Lafonte, 2017.

⁷³ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é filosofia?**. Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 1. ed. São Paulo: Editoria 84, 1992.

⁷⁴ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é filosofia?**. Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 1. ed. São Paulo: Editoria 84, 1992.

⁷⁵ Ibid., p. 111.

⁷⁶ Ibid., p. 111.

terra por vir” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 117)⁷⁷ a partir da desterritorialização, do desenraizar, do negativo.

Entretanto, como agentes de uma desterritorialização que negativa aquilo que está territorializado, sobre a terra, como habitamos negativamente? Parece ser contraditório, mas não é. Fazemos aqui uma analogia com proposições reais e concretas. Quando conhecimentos estrangeiros entram em contato com conhecimentos locais, são dotados de uma razão que negativa aquilo que era e que estava sobre o domínio local. Negativa, porém, em razão de um porvir ou de algo novo. Algo novo, pois, ao entrar em contato, aquilo que era local não é mais em razão do que veio. Um porvir porque, devido ao agenciamento negativo no estrangeiro, favorece a criação de algo novo, dotado de características e traços presentes e passados, mas de razão nova. Seria, portanto, um “agir contra o passado, e assim presente, em favor de um porvir” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 144)⁷⁸, de uma reterritorialização, convocada pela desterritorialização.

5. Conclusão

O conceito filosófico se adquire a partir dos hábitos, das convenções presentes no habitar, num devir vivente, movente e contemplativo. São os hábitos -provenientes do habitar- as conveniências, o demorar-se junto às coisas e a contemplação imanente que territorializam, desterritorializam e reterritorializam conceitos filosóficos e torna a filosofia tão ligada a terra e ao território. O movimento Geo-filosófico é um devir filosófico e não-filosófico na tentativa da filosofia de tornar-se aquilo que é. Assim como a não-filosofia e o não-habitar são essenciais para o devir Geo-filosófico por constituírem a invocação da criação filosófica. A filosofia é bastarda e nômade, pois em seu devir o desenraizamento é a convocação do pensar, do construir ao habitar. O mesmo vale para a

⁷⁷ Ibid., p. 117.

⁷⁸ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é filosofia?**. Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 1. ed. São Paulo: Editoria 84, 1992.

Desterritorialização, fundamental processo formante da nova terra, da filosofia em si. Naquilo que convém no novo, provém do não e vice e versa.

Em suma, as questões colocadas nesta investigação apontaram para o valor desterritorializante do pensamento e do sustento da terra a todo e qualquer sistema que se coloca sobre a mesma. Temos aí o movimento, aquele que pertence a mesma razão das coisas que estão sobre a terra e por ela se movem. Desse movimento extraímos a noção e relação do desenraizamento que convoca e provoca o enraizamento, por meio do agenciamento da terra e das correntes de pensamento tão ligadas ao território e seus elementos. A partir disso, temos o eterno devir, na condição dos corpos de intrinsecamente se desterritorializarem ou desenraizarem ao se movimentar e, a partir do esforço, se reterritorializarem novamente no novo espaço e lugar.

Além do pensamento e do movimento, temos a própria estrutura das relações humanas e da própria filosofia fundadas no território e na terra, a partir das visualizações históricas e etimológicas trazidas pela investigação, nas quais o próprio movimento migratório ou o fato de algo pertencer a algum lugar e por isso ser livre a partir e dentro do mesmo, faz com que tomemos proporção do que é a terra e o território no qual habitamos e sua real relevância em qualquer contexto no qual esteja inserido. O habitar, por si só, se faz presente na totalidade da existência humana, sendo ele o modo pelo qual o homem pensa, constrói e resolve seus problemas, um tão característico traço da filosofia.

Portanto, para que haja um esforço de saber que podemos ser quem somos, será necessário, primeiramente, habitar e saber o modo pela qual habitamos, por meio das convenções e hábitos do lugar em que nos contextualizamos. A terra, para que exerça sua total função, só é terra enquanto terra a partir do momento em que os homens habitam e a deixam ser quem ela é, no seu profundo agenciamento promovido pelo movimento. É só no pertencer e no habitar, por fim, que tornamos-nos agentes do movimento. Para tanto, como agentes do movimento, efetivados pelo habitar, é preciso

ser e demorar-se “junto às coisas” (HEIDEGGER, 2009, p. 136)⁷⁹ para que se salve a terra e se crie “uma nova terra por vir” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 117)⁸⁰ sendo o agente “ou inventor de novos modos de existência imanentes” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 145)⁸¹. Temos, enfim, o papel do filósofo no movimento geo filosófico, efetivado no habitar e pelo habitar.

Referências:

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é filosofia?**. Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 1. ed. São Paulo: Editoria 84, 1992.

DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Vídeo. Divulgado no Brasil, pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord. 1997.

⁷⁹ HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

⁸⁰ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é filosofia?**. Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 1. ed. São Paulo: Editoria 84, 1992.

⁸¹ *Ibid.*, p. 145.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

HUME, David. **Investigação sobre o entendimento humano**. Tradução de André Campos Mesquita. 1. ed. São Paulo: Lafonte, 2017.

MOSTAFA, Solange Puntel; VIUNISKI, Denise. **Para ler a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari**. 1. ed. Campinas: Editora Alínea, 2009.